

«Este livro vai arrebatá-lo, apertá-lo o coração e fazê-lo bater e, no final, deixá-lo completamente sem palavras.»

STEPHANIE GARBER

«Tahereh Mafi tece um feitiço de destino e perigo, amor proibido e intriga de corte, magia e revolução.»

CASSANDRA CLARE



UM
REINO DE
INTRIGAS



TAHEREH MAFI

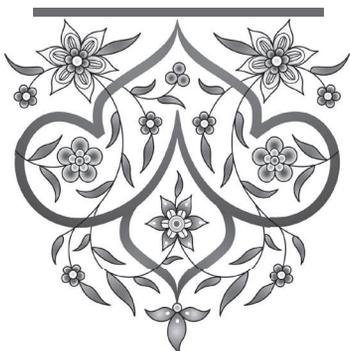
AUTORA BESTSELLER DA SÉRIE INTOCÁVEL
LIVRO NOMEADO PARA O PRÉMIO GOODREADS

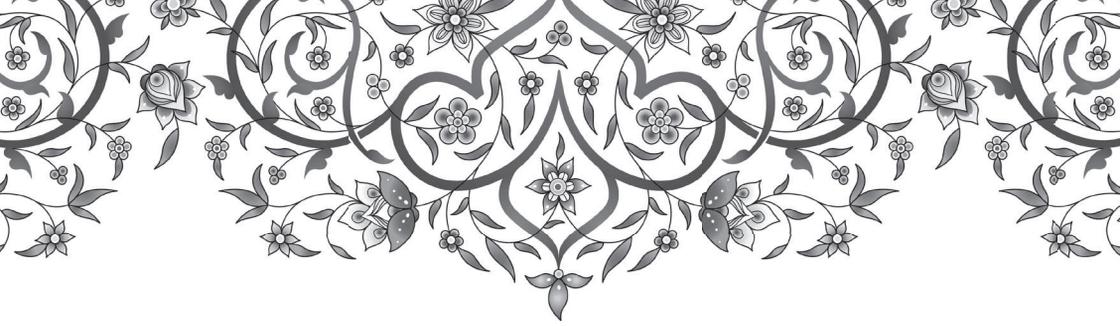


Viro-me para a direita e para a esquerda, em toda a Terra
não vejo sinais de justiça, sentido ou valor:
Um homem comete atos maus, e todos os seus dias
se enchem de sorte e louvor universal;
Outro é bom em tudo o que faz... Morre,
um homem miserável e arruinado que todos desprezam.

Mas todo este mundo é como uma história que ouvimos...
O mal do Homem e a sua glória desaparecem.

Abolghasem Ferdowsi, *Shahnameh*





UM

یک

Alizeh bordava na cozinha à luz das estrelas e da fogueira, sentada, como tantas vezes, aninhada dentro da lareira. Fuligem manchava-lhe as saias e a pele em ondas aleatórias: borões no contorno de uma bochecha e um pouco mais de escuridão sobre um olho. Ela parecia não notar.

Alizeh tinha frio. Não, estava *gelada*.

Desejava frequentemente que fosse um corpo com dobradiças e que pudesse abrir uma porta no seu peito e encher a cavidade primeiro com carvão, depois com querosene, antes de acender um fósforo.

Enfim.

Puxou as saias para cima e aproximou-se mais da fogueira, com cuidado para não destruir a vestimenta que ainda devia à filha ilegítima do embaixador de Lojjan. A peça intrincada e brilhante era a sua única encomenda naquele mês, mas Alizeh alimentava uma esperança secreta de que o vestido pudesse, por si só, fazer aparecer mais clientes, pois encomendas tão requintadas como esta eram, afinal, o resultado direto de uma inveja alimentada apenas em salões de baile ou à volta de uma mesa de banquete.

Desde que o reino permanecesse em paz, a elite real (tanto legítima como ilegítima) continuaria a organizar festas e a acumular dívida, o que significava que Alizeh ainda podia encontrar formas de extrair moeda dos seus bolsos bordados.

Estremeceu violentamente a seguir, quase falhando um ponto e quase tombando na fogueira. Uma vez, quando era uma criança de passos periclitantes, Alizeh sentiu um frio tão desesperante que rastejou para a lareira tórrida de propósito. Claro que nunca lhe tinha ocorrido que poderia ser devorada pelas chamas. Era apenas um bebé e seguia o instinto de procurar o calor. Alizeh não podia ter sabido, então, da singularidade da sua condição, porque era tão raro o gelo que crescia dentro do seu corpo que se destacava até mesmo entre o seu próprio povo, que era considerado francamente estranho.

Tinha sido um milagre, portanto, que o fogo apenas tivesse desintegrado as suas roupas e enchido a pequena casa com um fumo que lhe fez arder os olhos. Porém, um grito subsequente indicou à confortável criança que o seu esquema estava próximo do fim. Frustrada por um corpo incapaz de aquecer, chorou lágrimas frígidas enquanto era recolhida das chamas, com a sua mãe a sofrer queimaduras terríveis no processo, cujas cicatrizes Alizeh estudaria durante anos vindouros.

«*Os olhos dela*», tinha dito a mulher trémula e chorosa ao marido, que veio a correr quando ouviu sons de desespero. «Vê o que aconteceu aos olhos dela... Vão matá-la por isto...»

Alizeh esfregava agora os olhos e tossiu.

Seguramente, fora demasiado jovem para recordar as palavras exatas que os seus pais tinham proferido. Sem dúvida que a memória de Alizeh tinha sido apenas de uma história repetida com frequência, uma história tão profundamente gravada na sua mente que apenas imaginava conseguir recordar a voz da sua mãe.

Engoliu em seco.

A fuligem tinha-lhe ficado presa na garganta. Os seus dedos tinham ficado dormentes. Exausta, expirou as suas preocupações para a lareira e isso provocou mais um turbilhão de fuligem.

Alizeh tossiu pela segunda vez nesse momento, com tanta força que espetou a agulha com que bordava no seu dedo mindinho. Absorveu o choque da dor com calma preternatural, retirando a ponta com cuidado antes de inspecionar o ferimento.

A perfuração era profunda.

Lentamente, um de cada vez, os seus dedos fecharam-se sobre o vestido que ainda segurava na mão, com a seda finíssima a estancar o fio do seu sangue. Após alguns momentos — durante os quais olhou fixamente para cima, para a chaminé, sem lá ver nada, pela décima sexta vez naquela noite —, largou o vestido, cortou a linha com os dedos e atirou a novidade incrustada de joias para uma cadeira próxima.

Nada a temer. Alizeh sabia que o seu sangue não mancharia. Mesmo assim, era um bom pretexto para reconhecer a derrota e para pousar o vestido. Apreciou-o naquele momento, estendido como estava sobre a cadeira. O corpete tinha perdido a forma e dobrava-se sobre a saia, como uma criança poderia deixar tombar a cabeça numa cadeira. Pregas de seda cobriam as pernas de madeira e as contas refletiam a luz. Uma brisa débil fez estremecer as portadas mal fechadas de uma janela, e uma única vela apagou-se e levou consigo a compostura que restava na encomenda. O vestido deslizou mais pela cadeira abaixo, com uma manga pesada a soltar-se com um ruído sussurrante e com o seu punho reluzente a roçar o chão coberto de fuligem.

Alizeh suspirou.

Aquele vestido, como todos os outros, estava longe de ser belo. Achava o desenho banal, a construção apenas aceitável. Sonhava poder libertar a sua mente, libertar as suas mãos para criar sem

hesitação... mas o rugido da imaginação de Alizeh era sempre silenciado por uma necessidade infeliz de autopreservação.

Foi só durante a vida da sua avó que os Acordos de Fogo foram estabelecidos, acordos de paz sem precedentes que permitiram que Jinn e humanos se misturassem livremente pela primeira vez em quase um milénio. Apesar de serem superficialmente idênticos, os corpos dos Jinn tinham sido forjados com a essência do fogo, imbuindo-os de certas vantagens físicas, enquanto os humanos, cujas origens tinham ocorrido na terra e na água, há muito tinham sido rotulados como *Barro*. Os Jinn tinham aceitado a assinatura dos Acordos com um alívio variegado, pois as duas raças tinham passado eras em derrame de sangue mútuo e, apesar de a inimizade entre ambas continuar sem solução, todos se tinham cansado da morte.

As ruas tinham sido douradas com sol líquido para anunciar aquela era de paz frágil. A bandeira e a moeda do império tinham sido triunfalmente recriadas. Cada artigo real era cunhado com a máxima de uma nova era:

QIRSS

Que a Igualdade Reine Sempre Suprema

A igualdade, como se verificaria, significou que os Jinn deviam vergar-se à fraqueza dos humanos e negar sempre os poderes inatos da sua raça, a velocidade, a força e a evanescência seletiva com que os seus corpos nasciam. Deviam cessar imediatamente o que o rei classificou como «tais ações sobrenaturais», sob pena de morte. E o Barro, que se tinha exposto como uma criatura insegura, não perdia oportunidades para bradar contra violações do acordo sem pensar no contexto. Alizeh ainda conseguia ouvir os gritos, os motins nas ruas...

Fitou o vestido medíocre.

Precisava sempre de se esforçar para não desenhar um artigo demasiado sublime, pois o trabalho extraordinário merecia escrutínio ainda maior e rapidamente seria denunciado como resultado de um algum truque preternatural.

Só numa ocasião, quando tentava desesperadamente ganhar a vida, Alizeh pensou em impressionar um cliente não com estilo, mas com mestria. Além de a qualidade do seu trabalho ser muito superior ao da modista local, Alizeh conseguia conceber um vestido matinal elegante num quarto do tempo e aceitava cobrar metade do preço.

A distração enviou-a para o cadafalso.

Não foi a cliente satisfeita e sim a costureira rival quem denunciou Alizeh aos magistrados. Milagre dos milagres, conseguiu escapar à tentativa de a levarem durante a noite e fugiu da paisagem familiar da sua infância em direção ao anonimato da cidade, esperando perder-se entre as massas.

Gostava de poder libertar-se dos fardos que sempre carregava consigo, mas Alizeh conhecia inúmeros motivos para se manter nas sombras, e o principal deles era a recordação de que os seus pais tinham sacrificado as vidas pela sua sobrevivência silenciosa, e comportar-se de modo descuidado naquele momento seria uma desonra aos seus esforços.

Não, Alizeh tinha aprendido da forma mais dura a deixar ir as suas encomendas muito antes de passar a amá-las.

Levantou-se e uma nuvem de fuligem ergueu-se com ela e dançou à volta das suas saias. Precisava de limpar a lareira da cozinha antes que a Sra. Amina descesse de manhã, ou era provável que voltasse a ir parar à rua. Apesar dos seus esforços, Alizeh tinha acabado na rua mais vezes do que conseguia contar. Sempre supôs que não exigiria a alguém grande encorajamento livrar-se daquilo que já era visto como descartável, mas aqueles pensamentos pouco contribuíam para a acalmar.

Alizeh pegou numa vassoura e encolheu-se um pouco enquanto a fogueira esmorecia. Era tarde, muito tarde. O tiquetaque regular do relógio ativou alguma coisa no seu coração e deixou-a ansiosa. Alizeh tinha uma aversão natural à escuridão, um medo enraizado que não conseguia articular completamente. Preferia trabalhar com agulha e linha à luz do sol, mas passava os seus dias a fazer o trabalho que realmente importava: esfregar as divisões e as latrinas da Casa Baz, a propriedade grandiosa de sua excelência, a duquesa Jamilah de Fetrous.

Alizeh nunca tinha conhecido a duquesa. Apenas tinha visto à distância a anciã cintilante. Com quem Alizeh falava era com a Sra. Amina, a governanta, que a tinha contratado apenas à experiência, quando chegara sem referências. Como resultado, Alizeh não estava autorizada a interagir com os outros criados e não recebeu um quarto digno do nome na ala que lhes estava destinada. Em vez disso, foi-lhe atribuído um armário apodrecido no sótão, onde descobriu uma enxerga, um colchão roído pela traça, e meia vela.

Alizeh tinha passado a primeira noite acordada na sua estreita cama, tão abalada que mal conseguia respirar. Não se importava com o sótão apodrecido nem com o seu colchão roído pela traça, pois sabia ser possuidora de grande fortuna. O facto de uma casa rica estar disposta a empregar uma Jinn era suficientemente chocante, mas ter recebido um quarto... um alívio das ruas invernosas...

Era verdade que Alizeh tinha encontrado trabalhos ocasionais desde as mortes dos seus pais e, com frequência, tinha sido autorizada a dormir dentro de portas ou no palheiro, mas nunca tinha recebido um espaço para si. Era a primeira vez em anos que tinha privacidade, uma porta que pudesse fechar. E Alizeh sentira-se tão profundamente saturada de felicidade que temeu afundar-se no chão. O seu corpo estremeceu quando olhou para

as traves de madeira naquela noite, para o emaranhado de teias que lhe rodeava a cabeça. Uma grande aranha tinha descido num fio até conseguir olhá-la nos olhos, e Alizeh limitara-se a sorrir e a apertar um odre de água contra o peito.

A água tinha sido o seu único pedido.

— Um odre de água? — A Sra. Amina franzira-lhe a testa, como se ela lhe tivesse pedido para devorar a sua criança. — Podes ir buscar a tua água, rapariga.

— Perdão. Fá-lo-ia — dissera Alizeh com os olhos nos sapatos, no buraco no couro que ainda não tinha cosido, mesmo por cima de um dedo. — Mas ainda sou nova na cidade e tem-me custado encontrar água limpa tão longe de casa. Não há nenhuma cisterna fiável por perto e ainda não consigo pagar um copo de água no mercado...

A Sra. Amina riu-se ruidosamente.

Alizeh ficou silenciosa, enquanto sentia o calor a subir-lhe pelo pescoço. Não percebia porque a mulher se ria dela.

— Sabes ler, rapariga?

Alizeh olhou para cima sem querer e percebeu o familiar gemido temeroso antes mesmo de fixar os olhos nos da mulher. A Sra. Amina recuou um passo e perdeu o sorriso.

— Sim — disse Alizeh. — Sei ler.

— Então deves tentar esquecer.

Alizeh surpreendeu-se.

— Perdão?

— Não sejas tonta. — Os olhos da Sra. Amina semicerraram-se. — Ninguém quer uma criada que saiba ler. Arruínas as tuas possibilidades com essa língua. De onde disseste que eras?

Alizeh ficou paralisada.

Não percebia se aquela mulher estava a ser cruel ou bondosa. Era a primeira vez que alguém sugeria que a sua inteligência poderia ser um problema para o trabalho, e Alizeh pensou nesse

momento se seria verdade: talvez *fosse* a sua cabeça, demasiado cheia como estava, a empurrá-la para a rua. Talvez, se tivesse cuidado, conseguisse finalmente manter um trabalho durante mais do que algumas semanas. Sem dúvida que podia fingir-se estúpida em troca de segurança.

— Sou do Norte, minha senhora — dissera ela em voz baixa.

— O teu sotaque não é nortenho.

Alizeh quase admitiu que tinha sido criada em relativo isolamento, que tinha aprendido a falar como os seus tutores a tinham ensinado, mas, então, recompôs-se, recordou a sua posição e não disse nada.

— Como desconfiei — dissera a Sra. Amina para preencher o silêncio. — Liberta-te desse sotaque ridículo. Pareces uma idiota a fingir que és uma janota qualquer. Melhor ainda, não digas nada. Se conseguires isso, podes vir a ser-me útil. Ouvi dizer que a tua gente não se cansa facilmente, e espero que o teu trabalho honre tais rumores, ou não terei nenhum pejo em atirar-te de volta para a rua. Fui clara?

— Sim, senhora.

— Terás o teu odre de água.

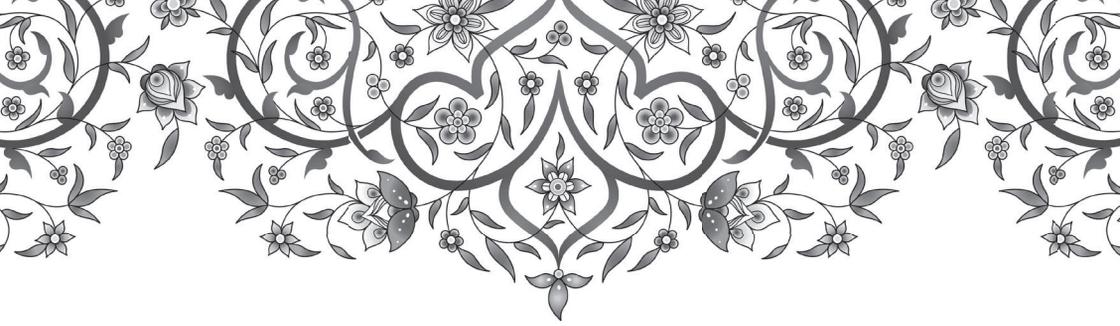
— Obrigada, minha senhora. — Alizeh fez uma vénia e voltou-se para ir.

— Ah... e mais uma coisa...

Alizeh virou-se outra vez para ela.

— Sim, minha senhora?

— Arranja um snoda o mais depressa possível. Não quero voltar a ver-te a cara.



DOIS

”

Alizeh tinha acabado de abrir a porta do seu armário quando sentiu, quando o sentiu como se tivesse enfiado os braços nas mangas de um casaco de inverno. Hesitou, com o coração acelerado, e ficou atravessada na porta.

Tonta.

Alizeh abanou a cabeça para afastar aquilo. Estava a imaginar coisas, o que não era de admirar: sentia-se desesperada por dormir. Depois de varrer a lareira, teve de esfregar também as mãos e a cara com fuligem e tudo isso demorou muito mais do que esperara. A sua mente cansada dificilmente poderia ser responsabilizada pelos seus pensamentos delirantes àquela hora.

Com um suspiro, Alizeh introduziu só um pé no negro denso das profundezas do seu quarto e procurou às cegas o fósforo e a vela que sempre mantinha perto da porta. A Sra. Amina não tinha permitido a Alizeh levar uma segunda vela para cima à noite, pois não conseguia imaginar a obstinação ou a possibilidade de a rapariga continuar a trabalhar muito depois de os candeeiros a gás se terem apagado. Mesmo assim, a falta de imaginação da governanta não alterava os factos: àquela altura numa propriedade

tão grande, era quase impossível que a luz distante penetrasse. Além do ocasional raio de luz inclinado que entrava por uma janela diminuta no corredor, o sótão mantinha-se opaco à noite. Negro como alcatrão.

Se não fosse o brilho do céu noturno para a ajudar a subir os muitos lanços de escadas até ao seu armário, Alizeh podia não ter encontrado o caminho, porque sentia um medo tão paralisante na perfeita escuridão que, quando confrontada com tal destino, se enchia de uma preferência ilógica pela morte.

Depois de encontrar rapidamente a sua vela, o fósforo foi prontamente riscado; ouviu-se um rasgão de ar e o pavio foi aceso. Um brilho quente iluminou uma esfera no centro do quarto e, pela primeira vez naquele dia, Alizeh descontraiu.

Empurrou a porta do armário em silêncio atrás dela e entrou completamente num quarto que mal tinha tamanho suficiente para alojar a sua enxerga.

Mesmo assim, adorava-o.

Tinha esfregado o armário imundo até os nós dos dedos sangrarem, até os joelhos palpitem. Naquelas propriedades antigas e belas, quase tudo fora outrora construído com perfeição e, sepultados debaixo de camadas de bolor, teias de aranha e sujidade endurecida, Alizeh descobrira pisos elegantes de espinha de peixe, traves de madeira sólida no teto. Quando terminara, o quarto praticamente brilhava.

Naturalmente, a Sra. Amina não tinha visitado o velho armário desde que tinha sido entregue à criadagem, mas Alizeh pensava com frequência no que a governanta diria se visse o espaço naquele momento, já que o quarto estava irreconhecível. Mas também era verdade que Alizeh há muito aprendera desenrascar-se sozinha.

Tirou o seu snoda, desenrolando o tule delicado que lhe cobria os olhos. A seda era exigida a todos os que serviam. A máscara

identificava quem a usava como membro das classes inferiores. O tecido tinha sido pensado para trabalho árduo, urdido de forma suficientemente solta para lhe camuflar as feições sem obscurecer a visão necessária. Alizeh tinha escolhido aquela profissão com muita reflexão e todos os dias acolhia o anonimato que a sua posição permitia. Porque, apesar de a maioria das pessoas não compreender a estranheza que via nos seus olhos, temia que, um dia, a pessoa errada o fizesse.

Respirou fundo naquele momento e pressionou as pontas dos dedos contra as bochechas e têmporas, para massajar delicadamente a face que lhe parecia que não via há anos. Alizeh não tinha um espelho, e os seus ocasionais vislumbres aos espelhos na Casa Baz mostravam apenas o terço inferior da sua face: lábios, queixo, a coluna do seu pescoço. Além disso, era uma criada sem cara, uma de dúzias, e tinha apenas recordações vagas do seu aspeto... ou do aspeto que lhe tinham dito outrora que era o seu. Era o sussurro da voz da sua mãe no seu ouvido, a sensação das mãos calejadas do pai na sua bochecha.

«És a melhor de todos nós», dissera ele, certa vez.

Alizeh fechou a mente à recordação enquanto se descalçava e colocava os sapatos no seu canto. Ao longo dos anos, tinha juntado pedaços suficientes de encomendas anteriores para coser para si a colcha e almofada a condizer que, presentemente, lhe cobriam o colchão. Quanto às roupas, pendurou-as de pregos velhos meticulosamente enrolados em linha colorida. Todos os outros pertences pessoais estavam dispostos dentro de uma caixa de maçãs que tinha encontrado abandonada numa das capoeiras.

Desenrolou as meias e pendurou-as, para as arejar, num pedaço de cordel esticado. O seu vestido foi para um dos ganchos coloridos, o espartilho para outro. O seu snoda foi para o último gancho. Tudo o que pertencia a Alizeh, tudo em que tocava, estava limpo e arrumado, porque tinha aprendido há muito que, quando

não era possível encontrar um lar, este teria de ser construído. Na verdade, podia ser construído até a partir de nada.

Vestida apenas com a sua combinação, ela bocejou. Bocejou enquanto se sentava, enquanto o colchão se afundava, enquanto retirava os alfinetes do seu cabelo. O dia — juntamente com os seus caracóis longos e pesados — tombou-lhe sobre os ombros.

Os seus pensamentos começaram a perder a clareza.

Com grande relutância, soprou a vela, puxou as pernas contra o peito e tombou como um inseto mal equilibrado. A falta de lógica da sua fobia era consistente apenas na forma como a deixava perplexa, porque, quando estava deitada e tinha os olhos fechados, Alizeh imaginava que conseguia vencer a escuridão com maior facilidade e, mesmo enquanto tremia com um arrepio familiar, sucumbia rapidamente ao sono. Estendeu a mão para a sua colcha macia e puxou-a sobre os ombros, tentando não pensar no frio que sentia, tentando não pensar em absolutamente nada. A verdade era que tremia de forma tão violenta que mal reparou quando ele se sentou, o peso dele pressionando o colchão aos pés da cama.

Alizeh conteve um grito.

Os seus olhos abriram-se de repente, com as pupilas cansadas a tentarem ampliar-se. Freneticamente, Alizeh moveu a mão sobre a colcha, sobre a almofada, sobre o colchão de pano gasto. Não havia nenhum corpo na sua cama. Não havia ninguém no seu quarto.

Teria alucinado? Procurou a vela às cegas e deixou-a cair das mãos trémulas.

Seguramente, teria sonhado.

O colchão gemeu com a mudança na distribuição do peso, e Alizeh sentiu um medo tão violento que a fez ver faíscas. Lançou-se para trás, a sua cabeça bateu na parede e, de alguma forma, a dor focou-lhe o pânico.

Um estalo brusco e uma chama entre os dedos dele, praticamente invisíveis, iluminou-lhe os contornos da face.

Alizeh não se atreveu a respirar.

Mesmo em silhueta, ela não o conseguia ver, não realmente. Mas, de qualquer modo... Não era a cara dele, e sim a voz, que tornava o Diabo reconhecível.

Alizeh sabia aquilo melhor do que ninguém.

Raramente o Diabo se apresentava como algo que se aproximasse de carne. As suas comunicações claras e memoráveis eram raras. Na verdade, a criatura não era tão poderosa como o seu legado insistia, pois tinha-lhe sido negado o direito de falar como outro conseguiria, para sempre condenado a expressar-se em enigmas e autorizado apenas a persuadir alguém à ruína, e nunca ao domínio.

Portanto, não era vulgar que alguém alegasse conhecer o Diabo, e ninguém falaria com convicção acerca dos seus métodos, porque a presença de semelhante mal era sentida na maior parte das ocasiões apenas através de uma sensação provocada.

Alizeh não gostava de ser a exceção.

Na verdade, era com alguma dor que admitia as circunstâncias do seu nascimento: que tinha sido o Diabo o primeiro a oferecer cumprimentos junto do seu berço, com as suas cifras indesejadas tão inevitáveis como a humidade da chuva. Os pais de Alizeh tinham tentado desesperadamente banir tal criatura do seu lar, mas regressou uma e outra vez, tecendo em permanência a tapeçaria da sua vida com pressentimentos ominosos, no que parecia ser uma promessa de destruição a que não conseguiria escapar.

Mesmo naquele momento, sentiu a voz do Diabo como um fôlego solto dentro do seu corpo, uma expiração contra os seus ossos.

Outrora, houve um homem, sussurrou ele.

— Não — quase gritou ela, em pânico. — Não outro enigma, por favor...

Outrora, houve um homem, sussurrou ele, que tinha uma cobra sobre cada ombro.

Alizeh cobriu os ouvidos com as mãos e abanou a cabeça. Nunca quis tanto chorar.

— Por favor — disse ela —, por favor, não...

Outra vez:

*Outrora, houve um homem
que tinha uma cobra sobre cada ombro.
Se as cobras fossem bem alimentadas,
o seu senhor deixaria de envelhecer.*

Alizeh fechou os olhos com força e puxou os joelhos contra o peito. Ele não parava. Não conseguia mantê-lo fora.

O que comiam ninguém sabia, mesmo quando as crianças...

— Por favor — disse ela, e fê-lo em tom de súplica. — Por favor, não quero saber...

*O que comiam ninguém sabia,
mesmo quando as crianças foram encontradas
com miolos arrancados aos crânios,
e os corpos estendidos no chão.*

Inspirou bruscamente e ele desapareceu. A voz do Diabo deixou-lhe os ossos. De repente, o quarto estremeceu à sua volta,

com sombras que se erguiam e alongavam... E, na luz distorcida, uma face estranha e desfocada espreitou-a. Alizeh mordeu o lábio com tanta força que sentiu o sabor a sangue.

Era um jovem que a fitava naquele momento, um jovem que ela não reconhecia.

Alizeh não teve dúvidas de que era humano... mas havia algo que o tornava diferente dos outros. Com a luz ténue, o jovem parecia moldado não de barro, mas de mármore, com a face capturada em linhas duras e centrada numa boca suave. Quanto mais o fitava, maior era a força com que palpitava o seu coração. Seria ele o homem com as cobras? Porque importava? Porque haveria ela de acreditar numa única palavra proferida pelo Diabo?

Ah, mas já sabia a resposta à segunda pergunta.

Alizeh perdia a calma. A sua mente bradava-lhe que afastasse o olhar da face conjurada, gritava-lhe que tudo aquilo era loucura... e mesmo assim...

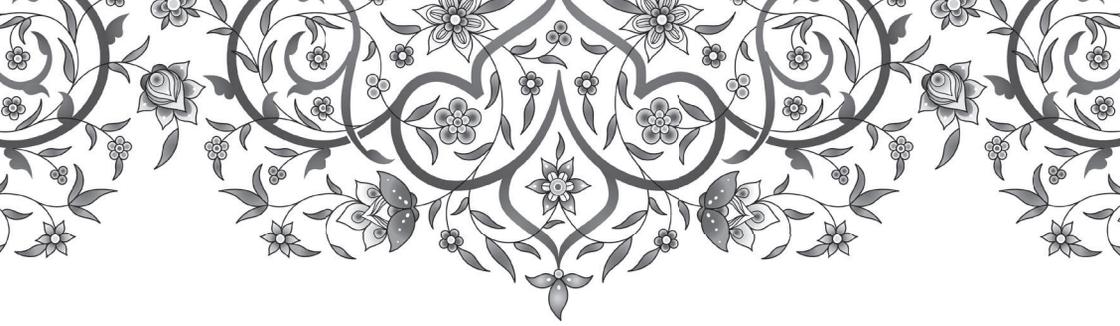
Sentiu calor subir-lhe pelo pescoço.

Alizeh não estava habituada a fitar durante tanto tempo qualquer cara, e aquela era de uma beleza violenta. Tinha feições nobres, repletas de linhas direitas e sulcos, de uma arrogância sem esforço. Inclinou a cabeça enquanto a olhava, sem vacilar ao estudar-lhe os olhos. Toda a atenção inabalável dele avivou uma chama esquecida dentro dela e sobressaltou a sua mente cansada.

A seguir, uma mão.

A mão *dele*, conjurada de um farrapo de escuridão. Olhava diretamente para os olhos dela quando lhe tocou os lábios com um dedo que se desvanecia.

Alizeh gritou.



NO PRINCÍPIO

در آغاز

A história do Diabo perdera pormenores de cada vez que era contada, mas Iblees, Iblees, o seu verdadeiro nome como um batimento cardíaco na língua, tinha-se perdido nas catacumbas da História. O seu próprio povo era quem melhor sabia que a besta não era feita de luz e sim de fogo. Não era anjo e sim *Jinn*, uma raça antiga que, outrora, fora dona da terra, que outrora tinha celebrado a extraordinária elevação daquele jovem aos céus. Eram eles quem melhor sabia de onde tinha vindo, porque estavam presentes quando regressou, quando o seu corpo estalou contra a terra e o mundo deles foi abandonado à podridão, no rasto da sua arrogância.

Pássaros gelaram quando o seu corpo tombou do céu, os seus bicos afiados abertos e as asas imóveis no ar. Cintilava durante a descida, a carne humedecida por gelo recém-derretido, com gotas pesadas de fogo líquido a escorrerem-lhe pela pele. Os seus pingos ainda fumegantes atingiriam a terra muito antes do seu peso, desintegrando rãs e árvores e a dignidade partilhada de uma civilização inteira, que seria forçada para sempre a gritar o seu nome às estrelas.

Porque, quando Iblees caiu, caiu também o seu povo.

Não seria Deus, mas sim os ocupantes do universo em expansão que em breve renegariam os Jinn. Cada corpo celestial tinha testemunhado a gênese do Diabo, de uma criatura de escuridão até ali desconhecida, sem nome, e nenhum deles desejava ser visto como alguém favorável a um inimigo do Todo-Poderoso.

O Sol foi o primeiro a voltar-lhes as costas. Um único pestanejar e desapareceu. O seu planeta, a Terra, foi mergulhado em noite eterna, coberto de gelo, lançado para fora da sua órbita. A Lua desapareceu a seguir e, quando o fez, arrancou o planeta ao seu eixo e distorceu-lhe os oceanos. Em pouco tempo, tudo fora inundado e depois congelado. A população ficou reduzida a quase metade em três dias. Milhares de anos de história, de arte e literatura, de invenção... obliterados.

Mesmo assim, os Jinn sobreviventes ousaram ter esperança.

Foi quando as estrelas se devoraram finalmente a si mesmas, uma a uma, quando o solo se afundou e estalou debaixo dos seus pés, quando mapas de séculos passados foram subitamente tornados obsoletos. Foi quando deixaram de conseguir encontrar o seu caminho na escuridão perpétua que os Jinn se sentiram verdadeira e irrevogavelmente perdidos.

Não demoraram a dispersar.

Pelo seu crime, Iblees foi condenado a uma única tarefa: assombrar para sempre as formas que em breve rastejariam para fora da terra. O Barro, aquela forma tosca e rudimentar diante da qual Iblees não se ajoelharia, herdaria o mundo que outrora pertencera aos Jinn. Daquilo, os Jinn estavam certos. Tinha sido vaticinado.

Quando? Não sabiam.

Os céus observaram o Diabo, a meia-vida que foi forçado a viver. Todos observaram em silêncio enquanto mares gelados galgaram as costas, com marés que subiam paralelas à ira dele.

A cada momento que passava, a escuridão tornava-se mais densa e mais carregada com o fedor a morte.

Sem os céus para os orientarem, os Jinn que restavam não puderam determinar quanto tempo o seu povo passou comprimido pelo frio e pela escuridão. Parecia-lhes que tinham passado séculos, mas poderiam ter sido dias. O que era o tempo quando não havia luas para zelar pela hora ou sóis para definir um ano? O tempo era assinalado apenas pelo nascimento, através das crianças que sobreviviam. O facto de as suas almas serem forjadas do fogo era o primeiro de dois motivos para os Jinn sobreviverem aos invernos infinitos. O segundo: o facto de apenas precisarem de água como alimento.

O Barro moldava-se lentamente nessas águas, estremeando até à sua forma completa, enquanto outra civilização morria, em massa, de coração partido, de horror. Os Jinn que subsistiram, contra todas as probabilidades, foram sempre atormentados por uma raiva aprisionada nos seus peitos, uma raiva contida apenas pelo peso de uma vergonha incessante.

Os Jinn tinham sido outrora os únicos seres inteligentes na Terra. Eram criaturas que tinham sido construídas mais fortes, mais rápidas, mais simples e mais astutas do que o Barro alguma vez poderia ser. Mesmo assim, a maioria tinha cegado no negro-me perpétuo. A sua pele ficou cor de cinza, as suas íris ficaram brancas, privadas de pigmentação na escuridão. Na ausência torturante do Sol, até mesmo aquelas criaturas de fogo tinham enfraquecido, e quando o Barro, recém-formado, se ergueu finalmente sobre pernas firmes, o Sol regressou à vida, voltou a devolver o foco ao planeta e trouxe com isso uma dor tórrida.

Calor.

Secou os olhos não habituados dos Jinn e derreteu a carne que restava nos seus ossos. Para os Jinn que tinham procurado abrigo do Sol, houve esperança. Com o regresso do Sol, veio a Lua e,

com a Lua, as estrelas. À luz das estrelas, conseguiram encontrar o caminho de volta à segurança e refugiaram-se no pináculo do mundo, num frio violento em que começaram a sentir-se em casa. Discretamente, construíram um reino novo e modesto, sem nunca deixarem de esforçar tanto os seus corpos sobrenaturais contra as dimensões do espaço e do tempo até praticamente desaparecerem.

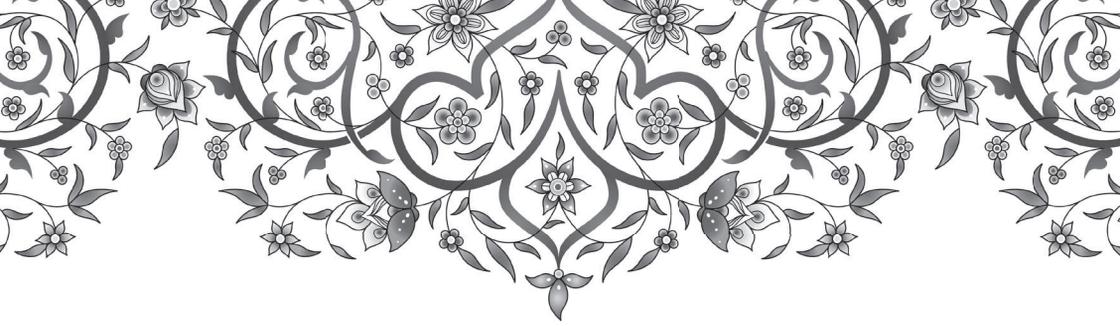
Não importava que os Jinn fossem mais fortes do que os corpos do Barro («seres humanos», como chamavam a si mesmos), que passavam a ser donos da terra e dos céus. Não importava que os Jinn possuíssem mais poder, força e velocidade. Não importava a intensidade com que as suas almas ardiam. Aprenderam que a terra conseguia abafar uma chama. A terra acabaria por os sepultar a todos.

E Iblees...

Iblees nunca estava longe.

A existência duradoura e vergonhosa do Diabo era uma poderosa recordação de tudo o que tinham perdido, de tudo o que tinham suportado para conseguirem sobreviver. Com profundo arrependimento, os Jinn cederam o mundo aos seus novos reis... e rezaram para nunca serem descobertos.

Foi mais uma oração que ficou sem resposta.



TRÊS



Alizeh avançou contra a luz do início da manhã. Arrancou-se à cama, enfiou as roupas, enfiou alfinetes no cabelo, enfiou os pés nos sapatos. Normalmente, tinha mais cuidado com os seus preparativos, mas dormiu até mais tarde do que pretendia e não tinha tempo para fazer mais do que passar um pano húmido pelos olhos. A encomenda terminada deveria ser entregue naquele dia, por isso embrulhou o vestido cintilante em camadas de tule e atou o embrulho com cordel. Alizeh segurava o grande embrulho com cuidado enquanto descia as escadas em bicos de pés e, depois de acender a fogueira na lareira da cozinha, abriu a porta de madeira pesada... e foi saudada por neve fresca até aos joelhos.

O seu corpo quase desabou com a desilusão. Fechou os olhos com força e inspirou fundo para se recompor.

Não.

Não voltaria para a cama. Era verdade que ainda não tinha um bom casaco de inverno. Ou um chapéu. Ou até luvas. Também era verdade que, se corresse pelas escadas acima naquele preciso momento, talvez conseguisse dormir uma hora inteira antes de precisarem dela.

Mas não.

Obrigou-se a endireitar as costas e apertou o embrulho precioso contra o peito. Hoje, receberia o seu pagamento.

Alizeh pisou a neve.

A lua estava tão grande naquela manhã que manchava a maior parte do céu, e a sua luz refletida cobria tudo com um brilho onírico. O sol não passava de uma ponta de alfinete à distância, com o seu contorno a brilhar por entre uma almofada de nuvens. Árvores erguiam-se altas e brancas, os ramos pesadamente carregados com o pó branco. Ainda era cedo — a neve ainda não tinha sido tocada nos caminhos — e o mundo cintilava, tão branco que parecia quase azul. Neve azul, céu azul, lua azul. Até o ar parecia cheirar a azul, tal era o frio.

Alizeh ajustou mais o seu fino casaco enquanto ouvia o vento soprar pelas ruas. Surgiram de repente homens com pás, como se os tivesse evocado com os pensamentos, e olhou para os seus movimentos coreografados, com os chapéus vermelhos de pelo a balouçarem para trás e para diante à medida que as pás raspavam para expor tiras de calcário dourado. Alizeh apressou-se a sair para o caminho rapidamente desimpedido, sacudindo a neve das roupas e batendo com os pés contra a pedra reluzente. Estava molhada até às coxas e não queria pensar nisso.

Em vez disso, olhou para cima.

O dia ainda não tinha nascido. Os seus sons ainda não se tinham formado. Os vendedores ambulantes ainda não tinham montado os seus quiosques, as lojas ainda não tinham aberto as suas portadas. Naquele dia, um trio de patos de um verde-brilhante gingou pelo centro coberto de branco, enquanto lojistas cautelosos espreitavam de portas e espetavam paus de vassoura na neve. Um urso-branco colossal dormitava num canto gelado, uma criança de rua dormia profundamente contra o seu pelo. Alizeh passou ao largo do urso, enquanto dobrava a esquina, os seus

olhos seguindo uma espiral de fumo até ao céu. Carroças de venda de comida acendiam os seus fogos e preparavam os seus produtos. Alizeh inspirou os cheiros desconhecidos e testou-os contra o que recordava. Tinha estudado cozinha e conseguia identificar alimentos à vista, mas não tinha experiência suficiente com comida para conseguir nomear as coisas pelo olfato.

Os Jinn apreciavam comida, mas não precisavam dela, não como a maioria das criaturas. Como resultado, Alizeh tinha renegado o capricho durante vários anos. Em vez disso, usou o seu rendimento para pagar material de costura e banhos regulares nos amãs locais. A sua necessidade de limpeza crescia em paralelo com a sua necessidade de água. O fogo era a sua alma, mas a água era a sua vida. Era tudo aquilo de que precisava para sobreviver. Bebia-a, banhava-se nela, precisava muitas vezes de estar perto dela. Como resultado, a limpeza tinha-se tornado um princípio fundamental da sua vida, um princípio que lhe tinha sido martelado desde a infância. De poucos em poucos meses, embrenhava-se na floresta para encontrar uma árvore *miswak* — uma árvore escova de dentes —, da qual colhia a escova, que usava para manter a boca fresca e os dentes brancos. O seu trabalho deixava-a frequentemente imunda, e o tempo verdadeiramente livre que tinha era passado a polir-se até brilhar. Na verdade, tinha sido a sua preocupação com a limpeza a fazê-la considerar os benefícios de tal profissão.

Alizeh parou.

Tinha encontrado um feixe de luz e deixou-se ficar nele, a aquecer com os raios enquanto uma memória lhe florescia na mente.

Um balde de água com sabão.

As cerdas ásperas de uma escova para o chão.

Os seus pais a rirem-se.

A recordação não era diferente de sentir uma mão quente contra o esterno. A mãe e o pai de Alizeh acharam fundamental ensinar a filha não apenas a cuidar da sua própria casa e a limpá-la,

mas também a ter conhecimento básico da maior parte dos trabalhos técnicos e mecânicos. Quiseram que conhecesse o esforço de um dia de trabalho. Mas só pretenderam ensinar-lhe uma lição valiosa... Nunca esperaram que ganhasse a vida assim.

Além de Alizeh ter passado a sua juventude a ser ensinada por mestres e tutores, os seus pais tornaram-na humilde como preparação para o seu futuro imaginado e insistiram sempre no bem comum, na qualidade essencial da compaixão.

«Sente», tinham-lhe dito os pais certa vez. «As grilhetas usadas pelo teu povo são frequentemente invisíveis à vista. Sente, porque, até cega, saberás como quebrá-las.»

A sua mãe e pai rir-se-iam se a vissem naquele momento? Chorariam?

Alizeh não se importava de trabalhar como criada. Nunca se importara com trabalho árduo, mas sabia que era provável que desiludisse os pais, mesmo que apenas nas suas memórias.

O seu sorriso vacilou.

O rapaz foi rápido, e Alizeh estava distraída, por isso demorou mais um segundo do que o habitual a reparar nele. O que significa que só reparou quando a faca estava encostada à sua garganta.

— *Le man et parcel* — disse ele, com o hálito quente e azedo contra a cara dela. Falava feshtoon, o que significava que estava longe de casa e que era provável que tivesse fome. A cabeça dele ficava muito acima da sua enquanto a segurava por trás, com a mão livre a agarrar-lhe o pulso com força. Parecia-lhe que era atacada por um bárbaro... e, apesar disso, de alguma forma, sabia que era apenas um rapaz demasiado crescido para a idade.

Delicadamente, disse:

— Solta-me. Fá-lo agora e dou-te a minha palavra de que não te farei mal.

Ele riu-se.

— *Nez beshoff*. — «Mulher estúpida.»

Alizeh prendeu o embrulho debaixo do braço esquerdo e partiu-lhe o pulso com a mão direita, sentindo a lâmina roçar-lhe a garganta enquanto ele gritava e cambaleava para trás. Amparou-o antes de cair, segurou-lhe o braço e torceu-o para lhe deslocar o ombro, antes de o empurrar contra a neve. Ficou de pé sobre ele a vê-lo chorar, parcialmente enterrado. Quem passava desviava o olhar, com o desinteresse esperado nas camadas mais baixas do mundo. Uma criada e um rapaz de rua podiam acabar um com o outro e poupariam o trabalho adicional aos magistrados.

Era um pensamento sinistro.

Com cuidado, Alizeh ergueu a lâmina do rapaz da neve e examinou a manufatura tosca. Também olhou para o rapaz. A sua face era quase tão jovem como suspeitara. Doze? Treze anos?

Ajoelhou-se ao lado dele e o rapaz ficou hirto, enquanto os seus soluços cessavam por um instante no peito.

— *Nek, nek, lotfi, lotfi...* — «Não, não, por favor, por favor...»

Alizeh segurou-lhe a mão intacta na sua, abriu os dedos sujos e pressionou-lhe o punho da faca na palma da mão. Sabia que o pobre rapaz precisaria dela.

Ainda.

— Há outras formas de sobreviver — sussurrou ela na língua dele. — Vem à cozinha da Casa Baz se precisas de pão.

O rapaz fitou-a nesse momento e focou nela toda a intensidade do seu olhar aterrado. Conseguia vê-lo a procurar-lhe os olhos através do snoda.

— *Shora?* — disse. «Porquê?»

Alizeh quase sorriu.

— *Bek mefem* — disse em voz baixa. «Porque compreendo.»
— *Bek bidem.* — «Porque já fui como tu.»

Alizeh não esperou que ele respondesse e levantou-se e sacudiu as saias. Sentiu um pouco de humidade na garganta e tirou um lenço do bolso, que pressionou contra a ferida. Ainda estava

de pé, sem se mover, quando o sino soou para assinalar a hora e sobressaltou um bando de estorninhos que levantou voo, com a sua plumagem iridescente a brilhar na luz.

Alizeh inspirou fundo e encheu os pulmões com o ar frio. Odiava o frio, mas o arrepio era revigorante, pelo menos, e o desconforto permanente era melhor a mantê-la acordada do que qualquer chávena de chá. Alizeh talvez tivesse dormido duas horas na noite anterior, mas não se permitiria sucumbir ao sono em falta. Esperavam que começasse o trabalho para a Sra. Amina exatamente dali a uma hora, o que significava que teria de fazer muito nos 60 minutos seguintes.

Mesmo assim, hesitou.

A faca na garganta tinha-a deixado desconfortável. Não fora a agressão a inquietá-la (no tempo que passou nas ruas, lidou com coisas muito piores do que um rapaz faminto com uma faca), mas sim o momento escolhido. Não tinha esquecido os eventos da noite passada, a voz do Diabo, a face do rapaz.

Não tinha esquecido. Apenas tinha posto tudo de parte. A preocupação era uma ocupação a tempo inteiro. Para Alizeh, era uma terceira ocupação. Era um trabalho que lhe exigia tempo livre que raramente tinha. Por isso, era frequente armazenar o seu incómodo e deixá-lo apanhar pó até encontrar um momento livre.

Mas Alizeh não era tola.

Iblees assombrara-a durante toda a sua vida, quase a levava à loucura com os seus enigmas indecifráveis. Nunca tinha conseguido compreender o interesse que alimentava por ela, porque, apesar de saber que o gelo nas suas veias a tornava invulgar até mesmo entre o seu próprio povo, parecia um motivo insuficiente para tornar a rapariga merecedora de toda aquela tortura. Alizeh odiava como a sua vida tinha sido fundida com os sussurros de tal monstro.

O Diabo era universalmente odiado pelos Jinn e pelos Barro, mas os humanos tinham demorado milénios a perceber aquela

verdade: que os Jinn odiavam o Diabo mais do que ninguém. Iblees era responsável, afinal, pela destruição da sua civilização, pela existência inclemente a que os antepassados de Alizeh tinham sido condenados há muito. Os Jinn sofriam profundamente como resultado das ações de Iblees, da sua arrogância, às mãos de humanos que, durante milhares de anos, consideravam ser seu dever divino expurgar o mundo de tais criaturas, vistas apenas como descendentes do Diabo.

A mancha deste ódio não era facilmente apagada.

Uma certeza, pelo menos, tinha sido provada a Alizeh uma e outra vez: a presença do Diabo na sua vida era um augúrio, um prenúncio de sofrimento iminente. Tinha ouvido a sua voz antes de cada morte, de cada mágoa, de cada articulação inflamada sobre a qual dobrava a sua vida reumática. Só quando se sentia particularmente suscetível, reconhecia uma suspeita persistente: que as mensagens do Diabo eram, na verdade, um tipo perverso de amabilidade, como se pensasse que conseguiria entorpecer uma dor inevitável com um aviso.

Em vez disso, era frequente que o medo tornasse tudo pior.

Alizeh passava os dias a pensar na tortura que poderia assolá-la, na agonia que a esperaria. Era impossível perceber quanto tempo...

A sua mão paralisou, esquecida. O seu lenço ensanguentado flutuou até ao chão, sem que desse por ele. O coração de Alizeh palpitava subitamente com a força de cascos e batia-lhe contra o peito. Mal conseguia inspirar. Aquela face, aquela face inumana. *Aqui*, ele estava *aqui*...

Já a observava.

Reparou na sua capa quase ao mesmo tempo que reparava na sua face. A lã preta muito rica era pesada e magistralmente trabalhada. Reconhecia a sua grandeza subtil até dali, até naquele momento. Era, sem dúvida, o trabalho de madame Nezzin,

a mestra costureira do mais afamado ateliê do império. Alizeh reconheceria o trabalho de quase qualquer ateliê no império, o que significava que, com frequência, precisava apenas de um único olhar em direção a um desconhecido para saber quantas pessoas iriam fingir chorar a sua perda num funeral.

Aquele homem, decidiu, seria chorado por grande número de bajuladores, com os bolsos mais fundos, sem dúvida, do que o próprio Dariush. O desconhecido era alto e ameaçador. Tinha coberto a cabeça com o capuz e ocultado a maior parte da cara na sombra, mas estava longe de ser a criatura anônima que esperava ser. Com o vento, Alizeh avistou o forro da sua capa: a seda mais pura, envelhecida em vinho e curtida com gelo. *Anos*, era isso o que demorava a criar tal tecido. Milhares de horas de trabalho. Era provável que o jovem não fizesse ideia do que vestia, tal como parecia não fazer ideia de que ela percebia, mesmo à distância, que o fecho sobre a sua garganta era de ouro puro e que o custo apenas das suas botas simples e sem adorno alimentaria centenas de famílias na cidade. Era um idiota por pensar que conseguiria desaparecer ali, que poderia ter vantagem sobre ela, que poderia...

Alizeh ficou completamente imóvel.

A compreensão despertou devagar na sua mente, e com um desconforto intenso e desorientador.

Há quanto tempo estava ele ali?

*Outrora, houve um homem
que tinha uma cobra sobre cada ombro.*

Na verdade, Alizeh poderia nem sequer ter reparado nele, se não a olhasse diretamente e se não a imobilizasse com os seus olhos. Foi então que percebeu... Abriu a boca de espanto... Atingiu-a com a força de um trovão. Só o via naquele momento porque ele o tinha permitido.

Quem era idiota, afinal?

Ela.

O pânico incendiou-lhe o peito. Alizeh descolou os pés do chão e quase desapareceu, enquanto corria pelas ruas com a rapidez preternatural que habitualmente reservava para as suas piores alterações.

Alizeh não sabia que escuridão aquela face estranha de Barro poderia trazer. Só sabia que nunca conseguiria correr mais do que ela.

Ainda assim, tinha de tentar.



IMPÉRIOS EM CONFRONTO.

UM AMOR PROIBIDO.

UMA RAINHA DESTINADA A SALVAR O SEU POVO.

No grande império de Arduña, Alizeh é apenas uma criada insignificante. Ninguém pode saber quem ela realmente é: nada mais do que a poderosa rainha há muito desaparecida dos Jinn, um povo com poderes sobrenaturais, forçado ao anonimato para sobreviver.

O príncipe herdeiro do império, Kamran, conhece as profecias que ditam a morte do seu avô, o rei. Mas nunca imaginou que aquela criada misteriosa, a rapariga de olhos enigmáticos — que ele não consegue tirar da cabeça — poderia ser a sua completa destruição... e a do seu reino.

Perfeita para fãs de Leigh Bardugo, Tomi Adeyemi e Sabaa Tahir, esta é uma explosiva história de amor, conspiração e luta pela sobrevivência de um povo, inspirada pela fascinante mitologia persa.



«A voz lírica e resplandecente, como um autêntico diamante, de Tahereh Mafi, tece uma história plena de magia, entrelaçada em subterfúgios, adornada em brocados de um romance tortuoso, e ricamente bordada na mitologia persa.»

ROSHANI CHOKSHI



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@boldreadspt

penguinlivros

ISBN 9789896235819



9 789896 235819 >